



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**TAISE SENTO SÉ DE JESUS**

**O ACESSO À LEITURA ATRAVÉS DA BIBLIOTECA MÓVEL DA  
FUNDAÇÃO PEDRO CALMON EM SUAS AÇÕES NO PROJETO  
“DOMINGO NA PRAÇA”**

Salvador  
2011

TAISE SENTO SÉ DE JESUS

**O ACESSO À LEITURA ATRAVÉS DA BIBLIOTECA MÓVEL DA  
FUNDAÇÃO PEDRO CALMON EM SUAS AÇÕES NO PROJETO  
“DOMINGO NA PRAÇA”**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lícia Beltrão

Salvador  
2011

TAISE SENTO SÉ DE JESUS

**O ACESSO À LEITURA ATRAVÉS DA BIBLIOTECA MÓVEL DA  
FUNDAÇÃO PEDRO CALMON EM SUAS AÇÕES NO PROJETO  
“DOMINGO NA PRAÇA”**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do a grau de licenciada em Pedagogia, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em    de    dezembro de 2011

Banca Examinadora

Bibliotecária Sonia Vieira \_\_\_\_\_

Biblioteca Anísio Teixeira – Faculdade de Educação da UFBA

Profª Emilia Helena Portella Monteiro de Souza \_\_\_\_\_

Faculdade de Educação da UFBA

Profª Lícia Maria Freire Beltrão \_\_\_\_\_

Orientadora

Faculdade de Educação da UFBA

A Meus pais, Carlos e Josenilza, por me apoiarem em todos os momentos de minha vida de forma tão intensa e recheada de amor;

a meu marido, Danilo, que tanto me ajudou para a realização deste sonho e pela sua paciência em colaborar para que este estudo fosse possível;

a meu filho, Daniel, que tanto amo, por me inspirar e me fazer acreditar que criança e livro são universalmente bons companheiros;

a meu irmão, cunhada, amigos, colegas de faculdade e de estágio, porque muitas vezes me darem força nos momentos de fraqueza, fazendo com que eu descobrisse que realmente era capaz;

à mestra, Lícia Beltrão, pela sua simpatia, competência e paciência. Sua participação foi muito decisiva na realização deste sonho, serei eternamente grata a esta grande mestra que ama tanto o que faz;

à banca examinadora, pela leitura e sugestões;

por fim, e muito especialmente, a Deus, que sem ele nada disso seria possível

**agradeço**

Ler é um ato de afirmação – e defesa – da liberdade individual e participação na sociedade.

Ezequiel Theodoro da Silva

## **RESUMO**

Este estudo versa sobre o acesso de crianças pequenas à leitura, através da Biblioteca Móvel de Fundação Pedro Calmon, em suas ações do projeto “Domingo na Praça”. Tem como objetivo identificar e analisar quais contribuições para a leitura o projeto está proporcionando às crianças participantes bem identificar quais atividades e literatura são disponibilizadas pela Biblioteca Móvel. Para esse fim, foram feitas considerações teóricas e pesquisa de campo, envolvendo observação das atividades e entrevista a familiares e pais que frequentam o projeto referido. Visto que o estudo estava baseado no acesso à leitura, chegou-se aos seguintes resultados: a Biblioteca Móvel da FPC tem uma estrutura adequada; a relação funcionários e o público é satisfatória; a atividade desenvolvida pela biblioteca estimula a leitura dos livros e revistas disponibilizados, mas ainda necessita de ajustes para que o trabalho seja mais eficaz no que tange ao incentivo à leitura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Biblioteca Móvel; leitura; literatura

## RESUME

This study deals with the access of children to reading through the Mobile Library Fundação Pedro Calmon, in their actions of the "Sunday in the Plaza." Aims to identify and consider what contributions for reading the project participants are providing children and identify which activities and literature are provided by the Mobile Library. To this end, we made theoretical considerations and field research, involving observation of activities and interview family members and parents attending the project said. Since the study was based on access to reading, came to the following results: Mobile Library FPC has a proper structure, the relationship between employees and the public is satisfactory, the activity developed by the Library encourages reading books and magazines available, but still need adjustments so that the work is more effective when it comes to encouraging reading.

**KEYWORDS:** Mobile Library, reading, literature

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução: O que pesquiso</b>	-----	08
1.1. A escolha	-----	10
1.2. Meu modo de pesquisar e apresentar a pesquisa	-----	13
<b>2. A Biblioteca: uma das histórias</b>	-----	17
2.1. Biblioteca Móvel	-----	32
<b>3. Leitores Brasileiros</b>	-----	35
3.1 Trabalho de Campo – Encontros de leitura	-----	40
<b>4 – CONCLUSÃO</b>	-----	49
<b>REFERÊNCIAS</b>	-----	51
<b>ANEXO</b>	-----	54



## INTRODUÇÃO

### 1. O que pesquisa

Este estudo pretende identificar e analisar quais as contribuições de leitura, proporcionadas às crianças que vão a parques e praças da cidade do Salvador, pelo projeto, “Domingo na Praça”, desenvolvido pela Biblioteca de Extensão, unidade do Sistema de Bibliotecas Públicas da Bahia - Fundação Pedro Calmon - Secretária do Estado da Bahia -, por meio da Biblioteca Móvel. A Biblioteca Móvel é uma criação da Fundação Pedro Calmon, doravante FPC, uma entidade que foi criada em 29 de abril de 1986, pela Lei nº 4.662. A FPC mantém o Sistema Público de Bibliotecas do Estado da Bahia e a Biblioteca de Extensão. A Biblioteca Móvel, nossa fonte de pesquisa, é uma natureza específica de biblioteca que está ligada a um programa da Biblioteca de Extensão da FPC, vinculada à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

A Biblioteca Móvel implementa o projeto já referido: “Domingo na Praça”. A intenção é levar, a cada domingo, às praças e parques da cidade do Salvador, leitura ao ar livre, oficinas literárias, recital de poesias, contação de histórias, jogos recreativos, pequenas peças de teatro, sob a coordenação de arte educadores. Muito embora haja referência no projeto a praça e parques, constatei, em visitas feitas, que a biblioteca se situa em bairros e em seus espaços urbanos. Entre praças, parques e bairros atendidos estão: o Dique do Tororó, (Bairro do Tororó), Praça da Lua (Bairro Nova Constituinte), Calabar (Bairro Calabar) e Farol da Barra (Barra).

A Biblioteca Móvel, do ponto de vista físico, é um espaço de leitura adaptado em um micro-ônibus. Nele há estantes e mesas com livros e revistas, incluindo obras de vários gêneros das literaturas nacional, estrangeira e infanto-juvenil, além de gibis e principais jornais do Estado e da região Sul e Sudeste do país. Ao todo, são mais de 2.000 exemplares.

A Biblioteca Móvel é uma biblioteca pública, mas como tal, possui suas especificidades e funções e presta serviços técnicos, de empréstimo, consulta

e informação. Seu acervo é catalogado e classificado pela Gerência Técnica do Sistema de Bibliotecas Públicas ao qual está subordinada.

Desde o início do século XX até os dias atuais, a função da biblioteca pública tem sido ampliada, de forma a atender às demandas sociais, conforme destaca publicação da Fundação Biblioteca Nacional sobre bibliotecas públicas em 2000. Entre elas estão:

- O estreitamento da relação com a comunidade é fator essencial para o desempenho das funções da biblioteca pública.
- O programa de formação e orientação do usuário - a biblioteca deve ter um programa permanente de educação de usuários.
- O desenvolvimento de atividades extra-muros é uma importante estratégia de atuação junto à comunidade. Dentre as inúmeras possibilidades de ação extra-muros destacamos os serviços de extensão.
- Os serviços de extensão podem ser desenvolvidos, através de recursos tais como: carro-biblioteca, vagão-biblioteca, barco-biblioteca, caixa-estante (também chamadas de bibliotecas ambulantes) e bibliotecas ramais ou sucursais. Pode, também, utilizar espaços públicos com programas de leitura em parques, estações de trem e/ou metrô, ou em espaços privados, como shopping centers. Uma alternativa para a expansão dos serviços é a utilização de quiosques, como pontos de leitura e de empréstimo domiciliar de livros e outros materiais.
- As atividades de ação cultural são serviços essenciais na biblioteca pública, pois possibilitam a participação, a troca e a interação entre os membros da comunidade. A biblioteca é, em muitas comunidades, a única instituição cultural, o que vem a dar destaque a sua ação como fator de estreitamento dos laços da comunidade na qual está inserida.

Há também um órgão de fundamental importância para o mundo, que não posso deixar de citar Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO - que produziu um manifesto no ano de 1995

informando quais são as missões da Biblioteca Pública. Segundo esse manifesto, as missões da biblioteca pública devem estar relacionadas com a informação, alfabetização, a educação e a cultura. Entre todas, destaco as que têm relevância para este estudo:

- Criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças desde a primeira infância;
- Estimular a imaginação e criatividade das crianças e dos jovens;
- Assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação da comunidade local;
- Possibilitar o acesso a todas as formas de expressão cultural, das artes e do espetáculo.

O manifesto da UNESCO vê a biblioteca como um local de porta de acesso local ao conhecimento que devem ser adaptados às diferentes necessidades das comunidades das zonas urbanas e rurais.

Segundo este manifesto, é a biblioteca pública que deverá fornecer condições básicas para a aprendizagem contínua e para o desenvolvimento cultural do indivíduo e dos grupos sociais. Por esse motivo, a UNESCO encoraja as entidades nacionais e locais a apoiar ativamente e a comprometerem-se no desenvolvimento das bibliotecas públicas.

Os serviços da biblioteca pública devem, em princípio, ser gratuitos. E também devem ser objeto de uma legislação específica e financiada pelos governos nacionais e locais.

### **1.1 A escolha**

A escolha do tema desta monografia se justifica em função de um interesse pessoal pelo universo da literatura e seu poder de transformação. Além disso, se justifica por trabalhar como professora-estagiária da biblioteca de uma escola de grande porte da rede particular de Salvador, local onde tenho percebido o quanto as crianças apreciam o mundo da leitura e o quanto a leitura é importante em sua vida escolar e pessoal.

Ao tomar conhecimento de um projeto de tamanha relevância social que oportuniza crianças que não têm uma condição que favoreça o acesso à

biblioteca convencional, livrarias e bancas de revistas, a terem contato com o mundo da leitura, logo me interessei. A descoberta do projeto, “Domingo na Praça”, da Biblioteca Móvel se deu, através do site da FPC. Site indicado por Professora Lícia Beltrão. Após navegar pelo site, minha curiosidade em conhecer o projeto e sua idealizadora ficou mais aguçada. Entrei em contato, por telefone, com a Sr<sup>a</sup>. Gleide Machado, que me recebeu com muita boa vontade e entusiasmo. Na conversa, que passei a considerar a primeira oportunidade de levantar dados, Sr<sup>a</sup>. Gleide Machado me contou como funcionava a Biblioteca Móvel, bem como seu projeto. Fui apresentada também, neste dia, ao projeto “Lê bairros”.

Após conhecer, de perto, o projeto, “Domingo na Praça”, ele passou a ampliar em mim um interesse já existente, pois reconheci, pela minha experiência de professora-estagiária, que para se incentivar o gosto pela leitura é necessário, entre outros procedimentos, apresentar as histórias que estão contidas nos livros, seja através de uma contação, seja através de uma apresentação de fantoches ou rodas de leitura. E o projeto em questão trabalha, nesta perspectiva, a de apresentar o livro para criança, através de profissionais ligados à área da leitura, tais como: contadores de história, bibliotecários e músicos repentistas.

Outra questão de importância que despertou minha atenção com relação ao projeto, “Domingo na Praça”, foi o fato de ser realizado nos fins de semana - aos domingos -, dias em que, geralmente, as famílias estão reunidas - pais e filhos - como ainda o fato de o projeto utilizar espaços públicos, como praças e parques, ambiente, às vezes, pouco valorizado pela população, por causa da insegurança que a cidade de Salvador enfrenta. Em síntese, posso dizer que, além de levar a biblioteca pública para o cidadão baiano, o projeto, “Domingo na Praça” também está colaborando para com a reutilização do espaço público.

E é nessa perspectiva que tentarei identificar, a partir do projeto, “Domingo na Praça”, qual o incentivo à leitura a Biblioteca Móvel da FPC está desenvolvendo, em ações já referidas, e se o incentivo é percebido pelos pais das crianças, de 0 a 10 anos, que frequentam as praças e parques da cidade do Salvador, atendidos pelo projeto. Essa perspectiva é resultado do que

aprendi na minha longa caminhada de estudante de Pedagogia: o estímulo à leitura para crianças pequenas é muito benéfico, por mostrar-lhes, entre outros aspectos, as diferentes funções da língua escrita. Portanto, é necessário que a criança seja motivada, desde muito nova, a entrar no mundo da palavra. Sobre essa questão, TEBEROSKY e COLOMER (2003, p. 145) dizem que:

[...] promover o espaço das crianças com, histórias poemas ou livros informativos é uma condição essencial para promover o acesso à língua escrita e motivar o desejo de aprender a ler.

O incentivo à leitura é, e sempre deverá ser o “carro chefe” na vida da criança, porque, desde pequena, a criança sente a necessidade de compreender o mundo ao seu redor e, através da percepção de coisas, objetos e sinais, a criança aprende de forma curiosa que tudo no mundo é leitura. E a literatura infantil pode proporcionar essa compreensão de mundo de forma mais prazerosa se nós, professores, bibliotecários, contadores de histórias, profissionais da educação, soubermos motivá-la.

Outra estudiosa em educação, MARICATO, (2008) aborda, também, sobre a leitura, prematura e o quanto ela é importante para crianças. Segundo ela:

A criança lê do seu jeito muito antes da alfabetização, folheando e olhando figuras, ainda que não decodifique palavras e frases escritas. Ela aprende observando [...] (MARICATO, 2008, p.18).

Concordo em parte com Maricato, pois sei que é importante, sim, o contato da criança com os livros de forma “descontraída”. Mas não posso deixar de citar a importância de um adulto apresentar o livro para criança, com a perspectiva de provocar a produção de sentidos à leitura, ao texto com o qual tiver contato. Esse é um motivo para destacar palavras de DEMO, quando citado por MARTINS, (2006, p.53): “*criar condições de leitura não implica apenas em alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre sua leitura*”. Nesse sentido e como exemplo, lembro que na realização de uma atividade, como “A hora da contação de história”, a

criança deve ser informada, sobre qual é o título do livro escolhido para a realização da atividade, quem o escreveu e ilustrou a história. Assim, pode-se iniciar a interação da criança com o livro, objeto da sua aprendizagem.

E, quando a interação ocorre em uma biblioteca, não se pode desconhecer que a biblioteca é a porta de entrada para o conhecimento, pois ela nos fornece as condições básicas para o aprendizado permanente, autonomia das decisões e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais. Por isso, ela deve ser dinâmica e acessível a todos. Nesse sentido, as palavras de TEBEROSKY e COLOMER (2003, p.162) continuam importantes e acentuam a minha compreensão, quando dizem: “*o uso da biblioteca apresenta às crianças as diferentes funções do escrito em nossa sociedade*”.

Sabemos que a tarefa de estimular a leitura não é fácil. A propósito, estudos feitos pelo Instituto Pró-livro, em 2006, mostram que tem crescido nos brasileiros o gosto pela leitura. Segundo Cunha (2006, p.12), ao se contrastar dados colhidos nos anos 2000 e 2007, pode-se dizer que vem crescendo o índice de leitura no país. Em 2000, 26 milhões de leitores tinham lido 1,8 livro/ano. Em 2007, 66,5 milhões tinham lido 3,7 livros/ano. Essa constatação ratifica a importância da pesquisa por mim escolhida, pois, com os resultados, poderei abordar sobre a contribuição da Biblioteca Móvel da FPC, na perspectiva de promover o acesso de crianças à leitura, através de uma das suas ações: o projeto, “Domingo no Parque”.

## **1.2 Meu modo de pesquisar e de apresentar a pesquisa**

Com a intenção de identificar e trazer resposta à questão da pesquisa levantada: qual incentivo para a leitura a Biblioteca Móvel da FPC está desenvolvendo, em ações já referidas, e se o incentivo é percebido pelos pais das crianças, de 0 a 10 anos, que frequentam as praças e parques da cidade do Salvador, atendidas pelo projeto, desenvolvi uma pesquisa inspirada na pesquisa ação. A pesquisa ação é definida por GIL apud THOLLENT (1999, p.46) como:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo.

A opção metodológica da pesquisa reside no âmbito da pesquisa social. A expectativa é de agregar conhecimentos novos em relação ao trabalho feito pela Biblioteca Móvel da FPC, de incentivo à leitura. Pretendo identificar e analisar quais contribuições, na perspectiva da leitura, o projeto, Domingo na Praça, implementado pela Biblioteca Móvel da FPC, traz para as crianças de 0 a 10 anos. A abordagem utilizada se configura como qualitativa, pois a biblioteca em si é um fenômeno social muito amplo. Incentivar o gosto pela leitura de crianças, numa sociedade com um número ainda expressivo de analfabetos, ainda que haja registros sobre o crescente número de leitores no nosso país, é algo de grande valia, para o Brasil do futuro. Segundo, GAMBOA & SANTOS apud TAYLON & BOGDAN (1997, p. 43).

[...] a pesquisa qualitativa rejeita a possibilidade de descobertas de leis sociais e está mais preocupada com a *compreensão (verstehen)* ou interpretação do fenômeno social, com base nas perspectivas dos atores por meio da participação em sua vidas. Seu propósito fundamental é a compreensão, explanação e especificação do fenômeno.

Busquei a compreensão do Projeto, “Domingo na Praça”, da Biblioteca móvel da Fundação Pedro Calmon, com base nas relações existentes entre a ação da biblioteca e o estímulo à leitura de crianças de 0 a 10 anos na tentativa de explicar para a sociedade e para a própria Biblioteca Móvel da FPC, se o projeto está cumprindo de fato seu objetivo: incentivar leituras, reunir leitores, lhes oferecendo o que ler.

Para analisar as contribuições que o projeto traz no âmbito da leitura para as crianças de 0 a 10 anos que nele se envolvem, foi necessário fazer leituras sobre o assunto e apresentá-las de modo resumido neste texto, fazer observação das atividades realizadas, conforme o projeto, uma observação também das crianças envolvidas no projeto e da reação de seus pais. Por isso foi imprescindível a coleta de dados, através da observação simples. Entende-

se por “*observação simples aquela que o pesquisador, pretende estudar uma comunidade, grupo ou situação, ele observa de maneira espontânea os fatos que ali ocorrem. O pesquisador será apenas espectador*”. (GIL, 1999, p. 111)

Com relação à coleta de dados, considere, ainda com Gil (1999, p.119) que a coleta de dados, por observação, é seguida de um processo de análise e interpretação, o que lhe confere a sistematização.

Na observação simples registrei quem eram as crianças que participavam das atividades do projeto, idade, quantas retornam ao projeto, como elas se relacionam com as pessoas envolvidas no projeto, como chegaram até o projeto. Observei, também, o interesse das crianças em participar ou não das atividades do projeto, se elas se interessam pelos livros expostos, se os pais leem para seus filhos pequenos, como é a relação dos pais com o projeto Domingo na Praça.

Para ampliar o que conseguiria saber pela observação, optei por obter outros dados, fazendo uma entrevista, parcialmente, estruturada. Segundo LAVINILLE e DIONE (1999, p. 188), essa natureza de entrevista se caracteriza por ter temas particularizados e questões abertas preparadas, antecipadamente, mas com plena liberdade de adaptação. Fiz perguntas do tipo: como ficou sabendo do projeto? Gostou da atividade feita pelos agentes da Biblioteca Móvel da Fundação Pedro Calmon? Já leram livros? Gostaram? Quantos leram? Sentem vontade de ler mais livros, além desses? Leram gibis? Quantos? Dentre outras perguntas que surgiram e se tornaram necessárias para a pesquisa. Utilizei, também, máquina fotográfica, para registrar as ações, para obtenção de mais dados, além de enriquecer o trabalho de pesquisa, já que a Biblioteca Móvel da FPC se faz presente, no Dique do Tororó, Calabar, Farol da Barra, uma manhã de domingo por mês.

Ainda sobre a entrevista, esclareço que ela assumiu um caráter informal. “A entrevista informal é recomendada nos estudos exploratórios que visam abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador” (GIL, 1999, p. 118-119). Quanto à amostragem da pesquisa será uma amostragem por acessibilidade ou conveniência. Gil (1999, p. 118) explica que, com esse fim, o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que esses possam, de alguma forma, representar o universo. Considerando que a



pesquisa, seria feita, uma vez por mês, no período de uma manhã de domingo, numa ação da biblioteca móvel, já contava que, provavelmente, o público seria diversificado. Além disso, não poderia antecipar o número definido de participantes. Por esse motivo, a quantidade mesmo que reduzida de crianças e pais iria compor um todo do universo dos leitores participantes das ações propostas pela Biblioteca Móvel da FPC, no que diz respeito ao projeto, Domingo na Praça.

Por fim, analisei os dados, produzindo leituras, na perspectiva dos sentidos, atenta a que natureza de acervo de leitura as crianças tinham acesso - se literatura infantil, revistas, literatura científica - à faixa etária das crianças participantes do projeto, ao acervo, às atividades de incentivo à leitura, se houve um interesse por parte das crianças em ler mais livros ou revistas, bem como, se os pais das crianças motivam a leitura, lendo para seus filhos e, por fim, quantos livros em média cada criança leu na Biblioteca Móvel, no período em que a Biblioteca Móvel se instalou no Dique do Tororó, Calabar e Farol da Barra, aos domingos, com o intuito de mostrar à comunidade acadêmica, principalmente, à sociedade e aos órgãos responsáveis - a Fundação Pedro Calmon, a Secretária de Educação e Ministério da Cultura -, se o projeto está ou não incentivando o gosto da leitura e contribuindo para a formação de novos leitores.

Feita a análise, foram constituídos os capítulos que ao todo são quatro capítulos. Neste, apresento a pesquisa, a questão da pesquisa que se confunde com o objetivo, o que me motivou pesquisar e o meu modo de pesquisar. No segundo capítulo, faço um estudo teórico sobre a história da biblioteca em geral e sobre a Biblioteca Móvel. No terceiro capítulo, cito dados estatísticos mostrando o crescimento da leitura entre as crianças. Para informar ao leitor que as crianças gostam de ler e que é preciso motivá-las. Neste mesmo capítulo, apresento o trabalho de campo bem como as considerações, conforme o que constatei através da minha observação. No quarto capítulo, por fim, concluo que a Biblioteca Móvel da FPC cumpre o seu papel de incentivar a leitura, mas que ainda necessita de ajustes para que o trabalho seja mais eficaz no que tange ao incentivo à leitura.

## 2. A Biblioteca: uma das histórias

Com base nos estudos da literatura pertinente, as primeiras bibliotecas surgiram há 3.000 anos, antes de Cristo, na região da Mesopotâmia. Nessa época, existiam livros extremamente duráveis e, por esse motivo, cresce o interesse de alguns povos em armazenar livros nas bibliotecas nos templos. Esses livros eram cravados em argila, e a literatura ia da prece à poesia, do epistolário aos livros de registro contábil. O sistema de escrita utilizado há 4.000 a.C. para fazer os registros é chamado de “cuneiforme”, devido ao formato de seus caracteres silábicos - grupos de pequenas marcas em forma de cunha cravadas na argila com o auxílio de uma agulheta. A argila era deixada para secar ou levada ao forno.

Segundo o teórico BATTLES (2003. p. 31 e 32),

[...] a biblioteca era altamente organizada. As placas componentes de uma mesma obra eram reunidas num único bloco, no qual se punha um rótulo identificador do conteúdo. Havia também um catálogo registrando os títulos das obras e o número de placas de que cada uma era composta [...] Havia repositórios em que as placas eram guardadas em cestas, com títulos gravados nas bordas da argila para facilitar a identificação.[...]

Uma cidade que depositou alguns dos livros de argila foi Nippur. Ela está localizada, hoje, na região sudeste do Iraque. Esse material histórico ainda permanece intacto.

Na cidade de Nínive, antiga Assíria, atual Iraque, O grande rei Assurbanipal tinha uma biblioteca, Na qual conseguiu reunir mais de 20 mil livros, hoje, conservados no museu britânico. Com sua morte o poder do império foi se dissipando, e Nínive foi sendo abandonada e esquecida. Sobre o assunto BATTLES (2003. p.32), , diz:

Por todo o território da antiga Assíria, atual Iraque, encontramos os chamados “telles”- enormes colinas formadas pelos restos de cidades desaparecidas. É bem possível que haja bibliotecas mesopotâmicas sob muitas delas, e é igualmente possível que bombas de precisão já tenham

destruído algumas, de cuja existência jamais ficaremos sabendo.

Quatrocentos anos depois que a biblioteca de Nínive viera abaixo, surge Alexandre, o Grande, que conquista o oriente e decide criar uma cidade com seu nome na costa mediterrânea do Egito. Alexandre, o Grande, tinha muitos planos, mas morreu antes de ver seus planos serem realizados. Assim que o jovem Alexandre faleceu, Soter, seu antigo general, foi quem teve a ideia de construir uma biblioteca capaz de concentrar em si toda sabedoria acumulada pelo mundo grego, dando aos seus herdeiros domínio sobre ela.

Com todas agremiações literárias gregas da época, as bibliotecas de Alexandria inspiraram-se no modelo da escola peripatética de Aristóteles.

Jacob e Baratin, 2000, afirmam que a primeira pessoa, que se tem registro, em pensar em reunir uma coleção (sunagagôn) de livros, foi o filósofo Aristóteles. Segundo esses autores, Aristóteles possuía em seu tempo uma coleção de *Politeiai* (constituições políticas de 158 cidades), de *Costumes bárbaros*, de *Provérbios* e de *Problemas*, sob a forma de catálogos. Esses objetos de saber são tirados de seu contexto e reorganizados em catálogos temáticos. Tanto Aristóteles como seus seguidores contribuíram para modificar a condição do livro, ou seja, eles passam a perceber que era preciso salvar os livros em sua materialidade.

BATTLES concorda em parte com JACOB e BARATIN, quando diz que:

Algumas fontes antigas afirmam que a própria coleção particular de Aristóteles foi levada para Alexandria, tornando-se o núcleo a partir do qual a grande biblioteca formou-se. No entanto, o geógrafo Estrabão, que parece ter conhecido muito bem a biblioteca, conta que os livros de Aristóteles foram enterrados em Atenas, na tentativa de impedir seu confisco pelos reis atalidas, que os queriam para a sua própria biblioteca em Pérgamo. (2003. p. 33)

Ainda hoje, há dúvidas se a coleção de livros de Aristóteles foi ou não para a biblioteca de Alexandria. Mas retornando à Alexandria, suas bibliotecas estavam repletas de rolos de papiros, uma espécie de junco abundante nas margens do Nilo. Comparado à argila, o papiro é frágil e difícil de preservar. Em compensação, era abundante e podia ser transformado num suporte no qual a

escrita era ágil e fácil. Os rolos tinham etiquetas presas com os nomes dos autores e com os títulos das obras. Isso era necessário, pois os rolos, ao contrário dos livros de argila não ficavam em pé nas estantes. Eram simplesmente dispostos em pilhas, sem muito cuidado.

A produção dos rolos de manuscritos era um trabalho precioso dos escribas. O principal papel de uma biblioteca na antiguidade era fornecer exemplares para que leitores produzissem cópias para seu próprio uso, e é natural que apenas as principais obras fossem copiadas em grande quantidade. A produção destes materiais custava tempo e dinheiro.

A multiplicação dos livros, os problemas de atribuição e autenticidade, a proliferação das variantes na ausência de qualquer norma de estabelecimento e de reprodução dos textos explicam a emergência das técnicas da edição filológica, uma das atividades essenciais da erudição alexandrina. Se as bibliotecas filosóficas em Atenas tinham como tarefa preservar e salvaguardar textos autógrafos e autênticos, Alexandria deve recorrer a um método artificial, a uma técnica, para reabsorver a pluralidade das variantes num texto único. A edição filológica não se assemelha a um processo de “publicação”, no sentido moderno do termo. É um trabalho executado na e para a biblioteca.

A biblioteca de Alexandria torna-se um negócio de Estado. O grande estoque de livros reunidos em Alexandria definiu uma nova concepção a respeito do valor do conhecimento. “*A biblioteca de Alexandria é um tesouro que partilham alguns leitores privilegiados, provavelmente sob forte vigilância.*” (JACOB e BARATIN, 2000, p. 47)

A Biblioteca de Alexandria revelou uma nova concepção, que superou todas as bibliotecas existentes em âmbito e ambição. Os reis atalenses de Pérgamo, no nordeste da Ásia menor, tentaram competir com Alexandria e construíram sua própria biblioteca, porém ela jamais atingiu magnificência da outra. Com o objetivo de impedir que os rivais produzissem manuscritos para sua biblioteca, os ptolemaicos proibiram a exportação de papiro, ao que os bibliotecários de Pérgamo responderam com a invenção de um novo material, que recebeu o nome da cidade: *pergamemon*, ou pergaminho.

O destino reservado às bibliotecas de Alexandria não teve nada de grandioso. Elas foram definhando aos poucos, séculos após séculos, à medida que as pessoas foram se tornando indiferentes, e até mesmo hostis, aos seus tesouros. E tudo isso teve uma grande ajuda dos árabes na era cristã que destruirão a biblioteca de Alexandria, tocando fogo, na mesma.

Em 646 da era cristã, o califa Omar (mulçumano), ao conquistar Alexandria deu ordens expressa ao conquistador Amr, quando foi consultá-lo sobre os livros da biblioteca de Alexandria e Omar respondeu que não há necessidade de outros livros, senão “o Livro”, isto é, o Alcorão. Destrua-os, portanto. Reza a tradição que os rolos foram atirados em feixes e levados para servirem de combustíveis nos banhos públicos da cidade, onde teriam alimentado as fornalhas durante seis meses.

É provável que aquilo que restou das bibliotecas tenha sido destruído completamente no século III d.C.. Época em que começa a expansão do cristianismo e foi fazendo com que as bibliotecas entrassem num processo de decadência. Triunfando culturalmente sobre os pagãos, judeus e neoplatônicos, os cristãos passaram a sentir os tesouros helênicos das bibliotecas como uma herança incômoda. No entanto, se o espírito da biblioteca universalista reduzia no Ocidente, no Oriente ele estava no seu apogeu.

Neste mesmo século III, na China, também já existiam bibliotecas e o mais impressionante, segundo MANGUEL (2006, p. 47),

[...] os livros da Biblioteca Imperial eram muito organizados e guardados sob quatro rubricas modestas e abrangentes, fixadas por eminentes eruditos da corte - textos canônicos ou clássicos, obras históricas, obras filosóficas e variada literatura, cada qual encadernada numa cor específica e simbólica - verde, vermelho, azul e cinza, respectivamente uma divisão cromática. Dentro destes grupos, arrumavam-se nas prateleiras em ordem gráfica ou fonética.

As bibliotecas chinesas têm um longo histórico de classificação. Os primeiros catálogos seguem a hierarquia imposta pela crença no império supremo dos deuses. Em seguida, em ordem decrescente de importância, vêm os seres humanos, os animais, as plantas e, por último, os minerais. Essas

categorias governam as divisões sob as quais as obras de 596 autores, preservadas em 13 269 rolos.

Se toda biblioteca é um espelho do universo, então todo catálogo será espelho de um espelho. Na China, a ideia de arrolar todos os livros de uma biblioteca entre as capas de um único livro foi imaginada quase desde o início, ao passo que no mundo árabe ela só se tornou corrente no século XV, quando catálogos e enciclopédias levavam o nome da biblioteca.

Sob as mãos dos calígrafos, a ciência grega, juntamente com a poesia persa, foi transportada para língua árabe. Assim começou um período construção de bibliotecas mulçumanas que duraria mil anos. No final do século VIII, a dinastia abássida havia transformado Bagdá (Iraque) num centro de estudos. Os predecessores dos abássidas, os califas Umayyad, já haviam patrocinado os livros e o ensino. Construíram grandes bibliotecas sagradas em sua capital, Damasco, e na mesquita de AL-Aqsa, em Jerusalém. Esse centro de estudo foi denominado de A casa da sabedoria, um templo que reunia biblioteca, escola e centro de pesquisa. Esta casa da sabedoria era um centro de tradução, compilação e comparação da sabedoria acumulada por todos os povos mulçumanos, da Índia à Península Ibérica.

Manguel detalha como era esta biblioteca da Idade Média islâmica, exemplificando a partir da biblioteca de Bukhara. Segundo ele,

[...] divisões temáticas eram comumente usadas em associação com sistema alfabético. As rubricas temáticas variavam, bem como o lugar em que os livros eram guardados – de estantes abertas e armários fechados a baús de madeira [...] Apenas a categoria dos textos sagrados - o Corão, numa gama de exemplares – ficava à parte, uma vez que a palavra de Deus não devia se misturar à dos homens. (MANGUEL, 2006, p. 54)

Em todas as regiões sob domínio dos mulçumanos foram criadas bibliotecas. A biblioteca da corte persa era um verdadeiro tesouro. Não diferentemente de Alexandria as bibliotecas Islâmicas também foram “destruídas” pelo fogo. Entre o século XIII e o século XV as extraordinárias bibliotecas do mundo mulçumano desapareceram. Seus conquistadores - os mongóis, os turcos e os cruzados - não compartilhavam esse amor pelo

conhecimento que o Islã havia herdado de seus antepassados gregos e persas.

Os livros, para gregos e romanos, tinham sido instrumentos, repositórios utilitários de conhecimento. Os rolos que produziam eram econômicos e simples. Os calígrafos e ilustradores de Islã transformaram o livro num objeto belo por si só, e os colecionadores passaram a apreciar a aparência suntuosa de um livro na mesma medida em que apreciavam o seu conteúdo. Na Europa cristã medieval, somente pessoas os mais altos estratos da sociedade podiam tornar-se especialistas em livros ilustrados

Ao longo de toda a Idade Média, as conexões entre as tradições livrescas do Islã e da Europa continuaram a existir. No venerável mosteiro de Monte Cassino (na Itália), por exemplo, textos médicos gregos e árabes vinham sendo copiados, mantidos e estudados durante um bom tempo. Mas foi em Florença, que renasce a primeira biblioteca “pública” moderna – a biblioteca de São Marcos, fundada por Cosimo de Médici, em 1444, século XV. O termo “público” referia-se não a universalidade do acesso, mas ao palco sobre o qual a Igreja, a nobreza e as poderosas famílias mercantis desempenhavam seus papéis e exercia sua autoridade. A biblioteca de São Marcos era um instrumento também de publicidade da família Médici (um projeto de autopromoção e celebração da família, no qual os livros só aparecem apenas como um típico objeto de consumo ilustre).

O humanismo significou uma reviravolta na economia política da leitura, criando não apenas uma oferta de novos tipos de livros, como também novas maneiras de lê-los. O mercador de livros, Vespasiano, erradicado em Florença, ajudou a reunir livros da biblioteca do Vaticano, da Biblioteca Laurenziana e da biblioteca de Federigo, Duque de Urbino. Podemos perceber que a natureza do livro e da leitura passava por um processo de mudança radical. Os príncipes já não recebiam mais sua instrução exclusivamente dos clérigos. Foi na vaidade dos príncipes que o humanismo teve que buscar energia e autoridade.

Na renascença, quando a leitura privada se intensifica, e passa a ser redescoberta pelos estudiosos, ela ia também adquirindo feições públicas. Segundo BATTLES (2003, p. 75), “*não foi simplesmente a chegada do livro*

*impresso que atravancou as bibliotecas, alguns anos mais tarde. O apetite por grandes quantidades de livros já estava bastante aguçado, quando as prensas entraram em cena*". As grandes bibliotecas estavam ligadas ao apetite que duques, mercadores e papas tinham por esse novo tipo de erudição congênita ao Renascimento.

Não podemos negar que a invenção da imprensa teve seu papel importante na fabricação de livros. Segundo estudiosos da área, as coleções particulares aumentaram, porque os livros ficaram mais acessíveis. BATTLES (2003, p. 86) explica:

O número de livros cresceu drasticamente do século XV ao século XVII, engendrando um misto de excitação e de ansiedade que não estava, de maneira alguma, restrito ao vaticano. A fascinação humanística com a Antiguidade, que antes era apenas uma fantasia subversiva de acadêmicos, transformou-se num instrumento efetivo de autoridade [...] A biblioteca, que sentia as dores da mudança à medida que os livros multiplicavam-se em números e em espécie tornou-se um campo de batalhas ideológicas [...]

O enriquecimento e a diversificação das coleções particulares, conseqüência do aparecimento de livros menos caros, eram acompanhados de uma multiplicação de materiais (papel de tamanhos variados, e da qualidade do livro). As coleções pediam organização. No começo do século XVII, os manuscritos e impressos, as pinturas e gravuras, as moedas e a escultura passam a participar no mesmo plano de classificação, ou seja, são organizados por assuntos. Na biblioteca de Lê Tellier (1693) França, afirma-se que se podem ordenar todos conhecimentos em cinco rubricas (*cum omnes disciplinae ad capita quique praecipue vulgo revocentur, Theologian, Júrisprudentiam, Historiam, Philosphiám & humaniores Litteras*); o catálogo de Lê Tellier, tão admirado e citado.

Os teóricos BARATIN e JACOB (2000, p.95) também citam estas mudanças "os séculos XVII e XVIII viram mudanças surpreendentes na atividade dos bibliotecários e na organização das bibliotecas... e nas maneiras de ler um livro". Ocorrem neste período, mudanças qualitativas e quantitativas trazidas pela imprensa. A Europa e o Ocidente começam a fervilhar.



Além disso, conforme eles, a universidade de Harvard surgia em meio a esses debates, igreja x ciência. A universidade Harvard era uma escola puritana, criada numa época em que a educação inglesa bem como a sociedade inglesa que precederam a Revolução Gloriosa, estava dividida em facções religiosas. Durante o reinado de Elisabeth, a intelectualidade havia sido infectada pela curiosidade renascentista a respeito de todas as coisas. O pioneiro dessa mudança foi Francis Bacon. Ele dividiu o conhecimento humano em três categorias que são: memória, sabedoria e imaginação tornaram-se um princípio ordenador do pensamento empírico. Em seu sistema Bacon evitou a divisão entre o sagrado e o secular.

Em 1664, os dissidentes, protestantes que contestavam a pompa da autoridade da Igreja Anglicana, foram expulsos das universidades. Os ministros dissidentes passaram a organizar suas próprias academias, nas quais a teologia puritana e a ciência baconiana tomaram lugar no currículo clássico de Cambridge e Oxford. *“Para a mentalidade do século XVIII, porém, o literalismo bíblico e o empirismo científico eram dois cortes do mesmo tecido”*, afirma BATTLES (2003, p. 88)

Ao longo do século XVII, ainda informam os autores, a biblioteca da universidade de Harvard cresceu de maneira errática e vagarosa, ainda dependente da generosidade de doadores. Mesmo assim continuou sendo uma biblioteca teológica. Em janeiro de 1764, a biblioteca pegou fogo. A cena intelectual inglesa havia mudado mais uma vez. A ciência a que os dissidentes haviam dado as boas vindas em suas escolas acabou dominando as universidades.

Por volta de 1690, Sir Willian Temple, político, diplomata e classista, contestou o currículo teológico e o científico e passa a defender que os rapazes privilegiados da devia ter um ensino classista. Temple argumentava que um dos principais problemas do saber moderno é a sua dependência dos livros. Segundo ele, os antigos tinham isso em abundância. Mas além de livros, eles também tinham gostos e sabedoria, e a mera proliferação de livros não nos dá nenhuma garantia de haver uma correspondente expansão da sabedoria e do gosto.

Quando Temple olhava para aquela “explosão” de livros impressos, não via ali “laborosidade”, mas apenas dispersão, decadência. Willian Wotton via o crescimento do número de livros como uma mudança positiva para conhecimento. Os livros para Wotton surgiam para provar o vigor e o potencia progressista da modernidade, quando comparado ao Império Romano monolítico e centralizado.

Quando Bentley assumiu o papel de curador da coleção real (Inglaterra), ficou chocado com seu estado. Livros espalhados pelas estantes e sobre a mesa, uma completa desordem. Bentley tratou de conseguir imediatamente algum financiamento para a biblioteca e de fazer com que um gabinete moribundo de curiosidades se transformasse numa instituição de fama internacional. Ele imaginou, por exemplo, que a biblioteca transformar-se-ia num centro de atividade intelectual, na qual sociedades cultas pudessem organizar reuniões para tratar assuntos erudtos.

No entanto, é justamente naquela biblioteca antiga e desolada que será ambientada a mais duradoura representação da rixa entre antigos e modernos. Um jovem chamado Jonathan Swift, ao perceber esta rixa entre antigos e modernos, faz um relato imaginário. A sala apertada e poeirenta (com aranhas e abelhas) dos livros sob a guarda de Bentley, como um vasto campo de batalha. Era uma biblioteca, na qual os próprios livros e não críticos e defensores estão em guerra. Por isso esta história ficou conhecida como “A guerra dos livros”. Era uma guerra travada entre os antigos e os modernos. A batalha descrita por Swift ultrapassa os limites do salão da biblioteca. Os modernos com inveja da mansão exigem uma mudança:

Ou os antigos fazem o favor de transferir a si mesmos e a seus pertences para um local mais baixo, que os modernos graciosamente lhe entregariam , tomando em seguida o seu lugar; ou então, os mencionados Antigos darão licença aos Modernos para que venham com pás e picaretas abaixar essa montanha até o nível que acharem conveniente. (BATTLES,2003, p. 100)

Swift, preocupa-se com o papel dos panfletos, aqueles textos assinados às pressas e pobremente editados que eram o principal veículo de comunicação no combate entre antigos e modernos. Na verdade, é particularmente a chegada destes “livros”, denominados de “troféus”, à

biblioteca que desencadeia a controvérsia entre os volumes residentes. Estes “troféus” são os panfletos, nos quais a disputa se desenrola e ao mesmo tempo, os livros de ciência filologia e teologia popular atravancam a biblioteca parnasiana de antigamente. Swift reconhece tais livros não é nenhuma novidade nenhuma e estão chegando à biblioteca real aos montes, cada um reivindicando o seu espaço privativo nas estantes.

Tanto Swift quanto Temple viam o fluxo de livros medíocres saindo das livrarias como se fosse uma torrente ameaçando engolir tudo aquilo em que eles acreditavam. E para explicitar esta guerra Battles cita Jonseph Levine.

A guerra dos livros mostrou que o humanismo renascentista [...] havia se dividido em partidos opostos [...] Por volta de 1700, começava a ser necessário escolher um dos dois lados: ou a imitação ou a erudição; ou padrões da retórica antiga ou as novas técnicas da crítica moderna; ou a narrativa elegante ou a compilação de antiquário. (BATTLES apud LEVIINE, 2003, p. 105)

Para Swift, Richard Bentley era o maior expoente da crítica e da compilação. Tornou-se, por isso, alvo preferencial da sua sátira.

A biblioteca citada na sátira de Swift é o protótipo da biblioteca universalista, ou seja, não são feitas escolhas para o leitor; é este quem deve fazê-las, enquanto os livros competem a sua atenção.

No século XIX, a proliferação de livros em gêneros e números fez com que a biblioteca se transformasse de templo em mercado, da cânone em cornucópia.

Com a difusão do papel impresso e sua crescente utilização pelo público leitor, a relação do bibliotecário com os leitores começou a suplantar a que ele mantinha com os livros sob sua guarda. Em lugar de simplesmente costear, ele passou a prestar assistência.

Nas primeiras décadas do século XIX, a biblioteca nacional britânica começou a crescer de forma espantosa. Por volta de 18883, possuía aproximadamente 250 mil livros – aumentou cinco vezes em relação a seu tamanho original. Já em 1811, o *Times* de Londres era produzido em impressoras plano cilíndricas movidas a vapor. Na década seguinte o uso

desse tipo de impressora estaria absolutamente difundido, e diversas tecnologias convergiram no sentido de acelerar dramaticamente o ritmo de produção de livros e de outros materiais impressos. A impressão, que havia mudado pouco entre os séculos XV e XVIII, de repente deixou ser um trabalho artesanal. O livro foi submetido ao processo de produção em massa, massa registrada da Revolução Industrial.

À medida que a produção em massa dos livros se expandia, a Biblioteca do Museu Britânico, a exemplo de outras bibliotecas nacionais na Europa e na América, viu-se subitamente com um acervo de centenas de milhares de livros.

Um jovem advogado, Antonio Pinazzi foi o criador do primeiro catálogo impresso. No ano de 1810, tinha sete volumes. Antes de Pinazzi os catálogos era apenas uma lista em ordem alfabética dos livros da biblioteca. Para os bibliotecários, servia como um inventário dos volumes bem cuidados. Segundo BATLLES (2003, p. 132) *“Todos os anos, as bibliotecas ficavam fechadas por algumas semanas para que os bibliotecários conferissem se cada livro da lista estava em seu devido lugar”*. Pinazzi ao perceber esta deficiência, sugere uma recatologação completa, de modo a garantir que o resultado final fosse mais consistente. E viaja para o exterior visitando bibliotecas para conhecer seus catálogos. Após esta pesquisa, ele voltou com a idéia de que o catálogo teria que ser um instrumento para a transformação da sociedade.

No início do projeto, Pinazzi havia decidido adicionar a “marcação de estante” atribuída a cada livro na entrada correspondente do catálogo. Como os números de chamada postos livros de uma biblioteca moderna, a marcação de estante indicava precisamente o lugar onde o livro poderia ser achado dentre as prateleiras das diversas estantes da biblioteca. Ao contrário dos números de chamada, porém, as marcações de estante não se refere a uma área do conhecimento, mas uma localização. São coordenadas para que os leitores pudessem saber a marcação da estante do livro e incluí-la na ficha que prendia e entregavam ao bibliotecário no balcão. Por exemplo: a marcação 500 a significa que a obra está na estante 500, na prateleira a. Se a marcação 500 a 2, isso significa que a obra ocupa o segundo lugar naquela prateleira; 500 a/6

2 significa que é o sexto volume da segunda prateleira da estante 500. As regras de catalogação de Pinazzi permaneceram até a metade do século XX.

Pinazzi fez aprovar o Copyright Act de 1842, que impunha o depósito na biblioteca de um exemplar de cada livro impresso na Grã-Bretanha; arrebanhou mais verbas governamentais; e conseguiu que a equipe da biblioteca fosse incorporada ao serviço público, melhorando assim as condições de trabalho dos bibliotecários, que devem ter sido infernais. (MANGUEL, 2006, p. 244)

Enquanto Pinazzi estava envolvido no projeto de construir uma biblioteca para a nação, havia milhões de ingleses atolados na pobreza.

Pinazzi queria que a biblioteca estivesse sempre aberta ao “estudante pobre” quisesse “cultivar sua curiosidade”. Por razões práticas, entretanto, seria o caso de dar acesso à biblioteca nacional apenas àqueles leitores (cultos ou não) que não tivessem conseguido encontrar os livros necessários em outras bibliotecas públicas. (MANGUEL, 2006, p. 246)

Foi nesses anos de conflito de classes e de terror econômicos que o movimento da biblioteca pública tomou conta da Inglaterra, com a elite progressista da nação reconhecendo que as luzes da energia intelectual e cultural faziam falta na vida do homem do povo. Em meado do século XIX, disseminaram-se por toda Inglaterra salões de leitura cartistas. Um tipo de bibliotecas cooperativas que emprestavam livros a membros organizações radicais. Os salões fizeram tanto sucesso na época que logo, estavam competindo com as bibliotecas.

Um historiador de biblioteca fala sobre o movimento dos trabalhadores ingleses:

[..]assimilando os poderes da razão alimentados pela educação, as massas acabariam aceitando os princípios da capitalismo como verdadeiro. Foi a educação que ensinou o homens e mulheres a comprar nos mercados mais baratos e a vender mais caros[...] Ensinou-os, enfim, a entrar em sintonia com a natureza aquisitiva da sociedade capitalista. (BATTLES apud BLACK 2003, p. 138)

O objetivo da educação utilitarista era exatamente produzir esses bons calculadores, e tanto os salões de leitura cartista quanto as bibliotecas de subscrição ofereciam a oportunidade de conseguir isso a baixo custo. Havia

mais no interior dos livros do que meras oportunidades de treinamento e de doutrinação da cultura do capitalismo.

Os utilitaristas em 1850 persuadiram os parlamentares a aprovar a lei da biblioteca pública. Os utilitaristas esperavam que as bibliotecas canalizassem as exigências subversivas de uma classe baixa, a quem sempre fora negado o acesso à cultura.

Quando a Biblioteca Pública de Manchester foi criada, em 1852, no lugar ocupado antes por um salão de leitura, os oradores, segundo BATTLES (2003 p. 139) “*fizeram seus discursos mencionando a luta de classes, mas em tom reconciliatório*”.

As contrações revolucionárias da Europa também foram sentidas na América. Em 1873, jovem chamado Melvil Dewey, se incomodava com o método de classificação alfabética da New York State Library, que freqüentava. Para Dewey os livros quando dispostos no método alfabético não dava visibilidade aos temas e pôs-se então a pensar numa maneira de mudá-lo.

Por meses a fio, sonhava dia e noite com algum sistema mais satisfatório”, relatou cinquenta anos mais tarde. “ Um domingo, durante um sermão comprido[...], a solução reluziu diante dos meus olhos de tal modo que pulei do banco e quase gritei Eureka!.. Usar decimais para uma classificação numérica de todo o conhecimento humano e forma de impressa! (MANGUEL apud DEWEY, 2006, p. 57 e 58)

Seguindo as divisões por assunto de estudiosos anteriores, Dewey dividiu o vasto campo do conhecimento humano em dez grupos temáticos e atribuiu a cada grupo cem números, que por sua vez dividiam-se em mais dez, permitindo uma progressão *ad infinitum*. Religião por exemplo, recebeu o número 200; o Deus cristão, o número 264. A vantagem do que se tornou conhecido como Sistema Dewey de classificação Decimal consiste, em princípio, no fato, de cada divisão pode ser submetida a incontáveis divisões ulteriores. O próprio Deus pode ser subdividido em seus atributos e avatares, e cada atributo ou avatar pode sofrer outras fragmentações. Dewey trabalhou em seu sistema até o fim da vida.

A “classificação decimal” teve um enorme impacto sobre as bibliotecas. Mas isso não esgota tudo o que Dewey fez pelo mundo. Segundo BATTLES

(2003, p.142) Dewey “*Foi o pioneiro na educação bibliotecários, fundando a primeira escola para esse fim em Colúmbia, no ano de 1889*”. Dewey não tentou padroniza apenas catálogos, mas também todos os aspectos de nossa experiência de uma biblioteca.

Em 1868, Ralph Waldo Emerson, um contemporâneo de Dewey. Num relatório escrito aos administradores de Harvard. Emerson afirmava nesse relatório, segundo BATTLES (2003. p. 147), “*que seria necessário criar um novo profissional- o “professor de livros”* . A preocupação de Emerson demonstra o quanto os estudantes do século XIX, estavam “perdidos” no meio de tanto livro que era necessário ter bibliotecário (professor de livro), para ajudar às pessoas.

Da mesma forma que o erudito começou com histórias infantis e foi progredindo aos poucos, passando finalmente, livros de histórias, os novos leitores deveriam seguir o mesmo caminho, levando a sociedade toda junto com eles. A determinação do lugar de cada leitor nessa escala evolutiva estaria a cargo do bibliotecário. É esse papel que ele deve desempenhar a vida dos que freqüentam uma biblioteca.

Lloyd P. Smith, neste mesmo período, aborda a necessidade de se ter um bibliotecário para ensinar o leitor. Smith aborda, também, qual característica o bibliotecário deve ter. Como: ser um intelectual, ser um conhecedor de línguas clássicas e modernas, firme na disciplina, hábil na conquista de novos usuários e acima de tudo um devorador de livro. O bibliotecário de Smith é um homem culto de ciência, erudito e a cultura é seu patrimônio.

O século XIX foi marcado pela construção de bibliotecas o século XX pela destruição.

Naturalmente, a queima de livros não é uma invenção recente. Ela espreita a história das bibliotecas de Alexandria a Tenochitlán, da Capadócia à Catalunh, da dinastia chinesa Qinà dissolução dos mosteiros na Inglaterra. (BATTLES, 2003, p. 156)

Mas foi no século XX que novas maneiras de destruir livros e instrumentalizar essa destruição foram testadas e aperfeiçoadas. A primeira e a segunda guerra mundial trouxeram muito prejuízos às bibliotecas do mundo.

A lista das bibliotecas destruídas no século XX é longa. Quando o Exército de Libertação do Povo evadiu Tibet, grande número de mosteiros foi destruído, e milhares de livros foram queimados. Monges e refugiados transportaram a bibliotecas inteiras até a fronteira com a Índia. Ali, construíram novas bibliotecas e oficina de impressão, mantendo viva a técnica de confecção do livro tibetano. Em outras regiões da China, os livros sofreram duros ataques durante a Revolução Cultural. Em 1981, nacionalistas cingaleses atearam fogo à biblioteca Tamil, de Jaffna, no Sri Lanka. Estavam guardados ali milhares de manuscritos, rolos confeccionados com folha de palmeira e livros impressos. Era um dos maiores repositórios de cultura e história existentes no sul da Ásia. Três anos antes de os talibans terem dinamitado os Budas de Bamian, em 2001 anunciaram sua disposição de destruir a cultura queimando 55 mil livros do Centro Cultural Hakim Nasser Khosrow Balkhi, no norte do Afeganistão.

Em meio às guerras, revoluções e destruições de bibliotecas. Surge uma nova tecnologia (o computador e conseqüentemente a internet). Muito questionado por estudiosos, alguns contra, outros a favor. O exemplo de MANGUEL, (2006, p. 264) que se preocupa como esta tecnológica esta sendo utilizada dizendo: *“Se a biblioteca de Alexandria foi um emblema de nossa sede de oniciência, a Web é o emblema da nossa onipresença; a biblioteca que guardava tudo transformou-se na biblioteca que guarda qualquer coisa”*. Concordando com ele, BATTLES (2003, p. 209) diz que:

A biblioteca da era digital está em estado de fluxo, que é indistinguível de um estado de crise – não apenas para as instituições, como também para os livros que elas contêm, preservam e propagam. Trata-se de uma crise cultural [...]

Esta nova tecnologia trouxe mudanças também positivas, a exemplo da acessibilidade, dos “centros de informações”. Onde hoje são prestados vários serviços, além da tradicional pesquisa bibliográfica e conservação do acervo. Dentre esses serviços está a formação estratégica, para o mudo cooperativo.



Com o surgimento das mídias digitais as bibliotecas viraram nova forma de atuar e estabelecer conceitos.

É este novo modelo de biblioteca que esta crescendo cada vez mais no mundo contemporâneo virtual. Atrelado à tecnologia que traz de benefício a facilidade de acesso tanto para bibliotecários quanto para os usuários.

## **2.1. Biblioteca Móvel**

Com base nos estudos feitos sobre a Biblioteca Móvel, pude perceber que há muito pouco material que relata sobre SUA a origem I. Para DUMONT (1995, p.192), a Biblioteca Móvel tem sua origem há muitos séculos , quando os nômades atravessavam o deserto do Saara, com seus “camelos-bibliotecas”, com suas cargas recheadas de manuscritos a caminho dos leitores. Há registros no início do século XIX um movimento de bibliotecas inglesas, australianas e escocesas empresariando “caixas de livros” em escolas e outros locais. É difícil determinar quando e onde surgiu a primeira biblioteca ambulante, precursora da Biblioteca Móvel.

Em 1679, o inglês, Thomas Bray, foi o primeiro bibliotecário a visualizar um sistema que permitisse a mobilidade de livros. Mas a efetivação de um serviço formal e planejado de biblioteca móvel foi a partir de 1905, através da bibliotecária norte-americana, Mary Lemist Ticomb, que criou, segundo DUMONT (1995, p. 193):

[...] um carroção puxado por dois cavalos, similar aos utilizados para entrega de uma mercearia. A adaptação de prateleiras externas e o local de armazenamento interno somavam espaço para aproximadamente 2560 volumes, a serem entregues diretamente na porta das residências rurais dentro das 500 milhas quadradas do território de Washington Coutry, Marland.

Neste período, o objetivo desta biblioteca era apenas o empréstimo de livro e a sua divulgação. Não obtinha o interesse de desenvolver o gosto pela leitura. Até por que boa parte das pessoas, neste período, não tinha acesso à leitura e aos livros. Poucos eram os privilegiados.

O serviço de Biblioteca Móvel no Brasil teve início no ano de 1936, instituído por Mário de Andrade, através do Departamento Municipal de Cultura, da cidade de São Paulo. Segundo DUMONT (1995, p. 194): “*Era um carro pequeno, com vitrines e sua pretensão era espalhar livros através de uma coleção circulante do automóvel-biblioteca*”. Também com objetivo de divulgação de livros, tal como na USA.

Ainda segundo DUMONT (1995), José Césio Regueira, em 1954, foi o segundo precursor do carro-biblioteca no Brasil. Ele teve seu projeto apresentado no 1º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação realizado na cidade de Recife, Pernambuco, que foi aprovado e executado. Mas foi desativado, anos após a sua inauguração, por causa da mudança de mandatários do estado, e dos diretores da Biblioteca Pública de Pernambuco.

Em 1957, a Biblioteca Pública do Paraná inaugurou o seu primeiro carro-biblioteca. Um carro que era utilizado pela editora Ipê para divulgação dos seus livros. “Mas que não era muito adequado para o serviço de empréstimo, pois só possuía vitrines externas fechadas. Foram adaptadas, internamente, uma estante para livros mesa e fichários”. (DUMONT, 1995, p. 195)

O Instituto Nacional do Livro - INL no ano de 1970 foi um grande incentivador dos serviços destinados aos carros bibliotecas no Brasil. O INL cria um programa com o intuito de levar a população carente do país que não tinha na sua região o serviço de uma biblioteca. Este programa também não tinha o interesse de despertar o gosto pela leitura, mas de levar a estas comunidades uma série de livros literários cultos. Livros dos mais altos padrões de linguagem e de assuntos. O carro biblioteca era um veículo modelo Kombi, adaptado para um acervo inicial de 1500 livros. Seis estados possuíam esse tipo de carro: Paraná, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Pará, Paraíba e Minas Gerais.

“*Infelizmente, a Fundação Pró- Memória, com a qual INL se fundiu em 1989, não levou o programa adiante*”. (DUMONT, 1995, p. 196)

Outro fator importante a ser referido é que, nas décadas de 70 e 80, por conta de uma crise mundial de combustível, o serviço de biblioteca móvel teria

sido quase extinto. Mas na década de 90, nos países desenvolvidos há um retorno expressivo da Biblioteca Móvel ou Carro-Biblioteca.

O marco principal para fortalecer este tipo de serviço em cidades de primeiro mundo e de países em desenvolvimento foi a 17ª National Bookmobile Conference, sediada e organizada pela state Library of Ohio, Columbus, USA, em junho de 1992, segundo DUMONT (1995, p. 193). Naquela ocasião, reuniram-se um grupo de bibliotecários extensionistas que, inconformados com o rumo que estavam seguindo os programas dos carros-bibliotecas, principalmente nos EUA, convenceram, ao final da conferência que, ao invés de decretar morte a esse serviço, era necessário repensar profundamente os objetivos e funções dos serviços, para depois redefinir e traçar novas políticas de ação, adaptadas às exigências dos tempos atuais. Nesse sentido várias ações concretas foram planejadas, desde rever as leis que regulam o serviço de informação em geral, até encontros com pesquisadores, professores, assessores, enfim, todo o tipo de profissional ligado à área de informação, visando à reavaliação e às mudanças necessárias que, acreditavam eles, assegurariam o futuro do carro-biblioteca.

A primeira constatação a partir dessa série de reflexões e de ações foi a de que os usuários, conseqüentemente, suas exigências, tinham mudado bastante. Vê-se também uma expansão das comunidades que o carro passou a atingir, foi ampliando e estudos demográficos começaram a incorporar-se às avaliações de serviço, na intenção de conhecer as necessidades dos não usuários e no esforço de estender o alcance do carro-biblioteca às novas demandas. Como por exemplo: a ampliação do público escolar, obtendo a inclusão do pré-escolar, e de pessoas com necessidades especiais, abrangendo o seu serviço. Outro fator de revitalização do carro-biblioteca é a aquisição das novas tecnologias de comunicação, ou seja, celulares, fax, GPS, computadores, etc.

Desde a sua introdução, o carro-biblioteca no Brasil tem atingindo populações periféricas dos grandes centros urbanos, diferentemente dos EUA que o projetaram com o intuito de atingir as comunidades rurais. Apesar de ter o carro-biblioteca nacional com princípios norte americana os, a escolha do tipo de comunidade a ser atingida foi adaptada à realidade local. “*Na verdade, o*

*que ocorre é o carro, atende a todo tipo de leitor, independente da sua escolaridade, faixa etária ou profissão*”, segundo DUMONT (1995, p. 183).

Portanto, para desenvolver um programa efetivo de carro-biblioteca é necessário fazer um estudo do local, conhecer o bairro, observar, pesquisar, interrogar. É necessário que o carro-biblioteca e sua equipe estejam envolvidos com a comunidade na qual irá prestar o serviço.

No caso da Biblioteca Móvel, objeto da pesquisa realizada, retomo as considerações, inicialmente feitas, para ratificar que a Biblioteca Móvel é uma criação da Fundação Pedro Calmon, uma entidade datada de 29 de abril de 1986, em consonância com a Lei de nº. 4.662. A FPC mantém o Sistema Público de Bibliotecas do Estado da Bahia e a Biblioteca de Extensão. A Biblioteca Móvel é uma natureza específica de biblioteca que está ligada a um programa da Biblioteca de Extensão da FPC, vinculada à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. Aos domingos, a Biblioteca se desloca para praças e bairros da nossa cidade, já referidos, visando à implementação do projeto, “Domingo na Praça” cuja intenção passa pela promoção do encontro entre livro e leitor.

### **3. Leitores Brasileiros**

Num país com um número expressivo de analfabetos funcionais (aqueles que, embora tenham aprendido a decodificar a escrita, não desenvolveram a habilidade de interpretação de texto), percebo em visitas às livrarias e bibliotecas da cidade do Salvador que vem crescendo nos jovens o gosto pela leitura. A bienal feita neste ano de 2011, na cidade do Salvador, bateu recorde de público, 15 mil pessoas participaram do evento, segundo o jornal A Tarde.

Em maio de 2011, a Revista Veja traz em sua capa uma reportagem especial de MEIER (2011, p. 99) “*Uma geração descobre o prazer de ler*”, e nesta reportagem, MEIER fala do crescimento de crianças e jovens que descobriram o prazer de ler. Apesar de estarmos na era da internet e do

computador, está crescendo o número de jovens que frequentam as livrarias mais famosas do Brasil. MEIER (2011, p. 100), em seu artigo, no mostra que: “Em 2005, a rede de livrarias Saraivas vendeu 277000 exemplares de títulos voltados para o público infanto-juvenil. Em 2010 foram, 1,7 milhão um estarrecedor aumento de 514%”. Podemos perceber que houve um aumento no mercado de livros destinados ao público infanto-juvenil. Meier apud Oakim (proprietário da editora Intrínseca) afirma:

Desde a inauguração de sua editora, em 2003, viu seu negócio mudar radicalmente: no início 15% dos lançamentos eram destinados ao público jovem. Atualmente, esse número saltou para 80% – e esse mesmo percentual porcentual representa o faturamento atual da editora com os jovens. (MEIER, apud OAKIM, 2011, p. 103)

Outro estudioso no assunto, FAILLA (2008, p. 102), em sua participação na pesquisa, “*Retratos da leitura do Brasil*” do Instituto Pró-livro, confirma este aumento de interesse das crianças e jovens pela leitura.

[...] a pesquisa nos confirma que, de fato, as crianças e jovens leem cerca de três vezes mais do que a população adulta, principalmente porque são estudantes e desenvolvem atividades escolares que lhes obrigam a ler. E também porque têm mais acesso aos livros, o que é possibilitado pelos programas de distribuição de livros didáticos e de acervos para as bibliotecas escolares. (FAILLA, 2008, p. 102)

Taxa de penetração de leitura (Por idade)										
	5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 59	60 a 69	70 e mais
Leitores de livro em geral	67%	85%	82%	61%	52%	52%	49%	43%	26%	20%
	15,4 milhões	9,9 milhões	12,3 milhões	13,7 milhões	7,7 milhões	13,4 milhões	11,2 milhões	7,2 milhões	2,8 milhões	1,8 milhão
Leitores de livros indicados pela escola	60%	73%	63%	26%	19%	12%	11%	5%	3%	1%
	14 milhões	8,5 milhões	9,4 milhões	5,8 milhões	2,8 milhões	3,2 milhões	2,5 milhões	0,9 milhão	0,3 milhão	0,1 milhão
Leitores de livros não indicados pela escola	7%	12%	19%	35%	33%	40%	38%	38%	23%	19%
	1,4 milhão	1,4 milhão	2,9 milhões	7,9 milhões	4,9 milhões	10,2 milhões	8,7 milhões	6,3 milhões	2,5 milhões	1,7 milhão

Vejamos alguns dados expostos, na tabela que reproduzo de FAILLA (2008, p. 172 e 99).

Percebemos, na pesquisa, um crescimento expressivo de crianças e jovens que estão lendo no Brasil. LÁZARO e BEAUCHAMP (2008, p. 74) “É na

*escola que a maioria das crianças e jovens tem acesso ao livro, é pela escola que se lê, não apenas para atender às tarefas escolares, mas também por prazer*". É importante frisar que é a escola não está formando leitores, mas dando acesso à leitura. Conforme Linard e Lima apud Lajolo,

[...] é fundamental que as políticas de incentivo à leitura se descolem da mera organização de feiras ou da criação de bibliotecas e salas de leituras. O mais urgente é investir no material humano, com a formação de mediadores de leitura, professores, bibliotecários capazes de semear o prazer da leitura por todo o país. (LINARD e LIMA, apud LAJOLO, 2008, p. 9)

Concordo também com Lajolo que o governo crie políticas de incentivo à leitura e acredito que o governo brasileiro deve se preocupar em qualificar os profissionais da educação e bibliotecários no que tange o incentivo à leitura. Não é só encher as bibliotecas públicas e escolares de livros se não têm profissionais qualificados e dispostos a disseminar a importância da leitura. Na minha trajetória de estudante de Pedagogia, visitei escolas da rede pública e particular e vi nessas visitas que a escola pública que recebe os livros para distribuírem aos alunos mantém os livros guardados em locais inapropriados longe dos alunos, enquanto na escola particular, os livros estavam acessíveis a todos os alunos. Nesse sentido, CUNHA nos informa:

[..] a biblioteca escolar é mais frequentada do que a pública. É o que ocorre no Pará, Espírito Santo, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Tais dados explicam o fato de que apenas um número reduzido de usuários (10%) vá à biblioteca para ler por prazer [...] (CUNHA, 2008, p. 57)

A biblioteca escolar é um ambiente propício para "plantar" nos estudantes o envolvimento com a leitura. Envolvimento que é de grande valia, numa "sociedade da informação", em que vivemos, hoje.

E como ter acesso à informação? A estes livros? A biblioteca é também o lugar de acesso aos livros para a população de baixa renda.

Forma de acesso aos livros			
	5 a 10	11 a 13	14 a 17
Comprados	33%	29%	37%
Fotocopiados/ xerocados	3%	4%	6%
Presenteados	25%	19%	25%
Emprestados por bibliotecas (inclui escolares)	49%	53%	47%
Emprestados por particulares	29%	31%	43%
Distribuídos pelo governo e/ou escolas	35%	30%	30%
Baixados gratuitamente da Internet	3%	7%	15%
Não costuma ler livros	1%	3%	2%

Fonte: Pesquisa Retratos da leitura no Brasil

Com vemos na pesquisa “*Retratos da leitura no Brasil*”, a biblioteca (49%) é uma grande incentivadora do acesso aos livros, principalmente, para população de baixa renda. O governo também está ajudando muito para que este incentivo chegue à população (35%). LINARD E LIMA (2008, p. 9) apud Elizabeth SERRA, secretária geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) fala sobre o crescimento no acervo das bibliotecas brasileiras: “Nos últimos 15 anos, passamos a encontrar livros em maior quantidade nas bibliotecas”. As bibliotecas estão recheadas de livros, mas têm suas dificuldades na renovação do acervo. Por não terem seus sistemas informatizados, muitos livros ficam acumulados esperando ir para prateleira.

Apesar desses números acrescidos no âmbito da leitura, ainda temos muitos problemas no Brasil com relação à educação e a leitura.

Segundo MARTINS (2010, p. 87) “*No Brasil, existem 14,2 milhões de pessoas que não são capazes de ler o rótulo de um produto no supermercado, identificar o destino num letreiro de ônibus ou assinar seu próprio nome [...]*”.

Muitas dessas pessoas analfabetas estão na zona rural, ou não moram próximas de uma escola. Para esse público específico foi implantado o “*Programa Brasil Alfabetizado, do Ministério da Educação, que registra atuação em 4,2 mil municípios, 900 entidades parceiras e matrícula de 2 milhões de alfabetizando em 2008*”. (GARCEZ, 2008, p. 62) Se estes números

continuarem estáveis. Em 15 anos o analfabetismo no Brasil poderá ser eliminado.

Estatística difícil de ser alcançada. O ensino público, no Brasil ainda continua de péssima qualidade. Por causa desta má qualidade do ensino público e por beneficiar uma grande parcela da população, em torno de 80% da população, esta crescendo no país o número de analfabetos funcionais. Apesar do aumento de leitores no país.

O último Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (Inaf), divulgado no início de 2008 pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, revela que apenas 28% dos brasileiros com idade entre 15 e 64 anos têm domínio pleno da leitura e da escrita -ou seja, conseguem ler textos longos, localizar e relacionar mais de uma informação, comparar dados e identificar fontes. Entre os 72% restantes, as habilidades de leitura e escrita são rudimentares ou básicas limitando-se à compreensão de títulos, frases e textos curtos. (LINARD e LIMA, 2008 p. 8)

Podemos perceber que a maior parcela dos brasileiros não sabe interpretar o que leem. Tem dificuldade de leitura. FAILLA 2008, p. 101 e 102, nos mostra:

<b>Dificuldades que têm para ler</b>	
Leem muito devagar	26%
Não compreendem a maior parte do que lê	9%
Não têm paciência para ler	12%
Não têm concentração suficiente para ler	8%
Não leem por limitações físicas (visão, etc.)	2%
Não têm dificuldade nenhuma	47%

Fonte: Pesquisa Retratos da leitura no Brasil



Jovens entre 11 e 13 anos, 26% deles informam que *leem devagar*. Somente 47% informam *não ter nenhuma dificuldade para ler*, o que acompanha os números da população (48%). Com isso, temos que 53% dessa população apresenta alguma dificuldade para ler.

Ainda estamos caminhando em relação à leitura. Não podemos esquecer que somos um país colonizado, que só tivemos biblioteca quando a família real veio para o Brasil. Além do mais, a maior parcela da população brasileira hoje são descendentes de escravos, que, quando libertos não tiveram acesso à escola e ao conhecimento sistematizado. Esses dados são resquícios desse período, que está sendo modificado por esta nova geração. Mesmo que a mudança seja pouco significativa, o mais importante é que ela está ocorrendo. E a escola, a biblioteca pública e escolar, as livrarias, redes sociais, blogs, etc., como vimos, são importantíssimas para que a nova geração de leitores brasileiros se amplie cada vez mais.

### **3.1 - Trabalho de campo: encontros de leitura.**

Passo a apresentar o que pude colher na pesquisa de campo, considerando as entrevistas e observações feitas. Para melhor efeito, procurarei orientar o leitor, quanto ao contexto, apresentando as datas das visitas e o bairro visitado.

Barra, 28 de agosto de 2011

O primeiro bairro a ser visitado por mim foi o bairro da Barra, no dia 28 de agosto de 2011. A biblioteca móvel estava estacionada no Farol da Barra. Ao entrar na biblioteca, fiquei encantada com a sua estrutura, espaçosa, arejada e muito organizada. As crianças que estavam no seu interior se sentiam muito confortáveis. Percebi, durante a observação, que algumas crianças e pais já conheciam a biblioteca, bem como suas funcionárias.

Neste dia em que fiquei observando, passaram pela biblioteca umas doze crianças, acompanhadas de seus pais, avós e babás. A idade variava de 1 a 11 anos.

Crianças que pegaram livros para ler sozinha e outras que solicitavam um adulto que a acompanhava que lessem para ela. Tinha livros Infanto-juvenis variados, como os da autora Ruth Rocha, Monteiro Lobato, Ricardo Azevedo, Valéria Belém, Ana Maria Machado, Tatiana Belinky, Pedro Bandeira, Maria Clara Machado, Maria Goreth da Silva Magatao, Karem Sakuma Sato, literatura científica, dentre outros.

Durante a pesquisa de campo, fui perguntando às crianças e aos pais assuntos relacionados à biblioteca, aos livros e à leitura. Por exemplo: Neste dia, tinha uma criança de cinco anos de idade, que seu avô lia o livro da Ruth Rocha, cujo título era Eugênio, o gênio. A menina ouvia, com atenção. Quando concluiu a audição, ela foi logo pegando outro livro para ele ler, sem que seu avô lhe pedisse. Quando já estava no terceiro livro, o avô tentou convencê-la de ler livros em casa. A criança foi convencida, mas não saiu satisfeita. Quando fui conversar com o avô desta criança, ele me disse que já conhecia a biblioteca e que sua neta “adorava ficar dentro do ônibus, lendo”. Mas que naquele dia ele tinha um compromisso e não poderia ficar mais tempo.

Durante a minha observação como também no meu dia a dia como professora estagiária de uma biblioteca escolar, percebi o quanto as crianças pequenas gostam de ouvir histórias. Para confirmar essa minha linha de pensamento, citarei Azenha que nos explica como é importante este ato de ouvir histórias, a partir da leitura de livros escritos, que oferece ricas oportunidades de interação com a linguagem escrita. Vejamos:

Em primeiro lugar, as crianças podem escutar uma organização mais elaborada da linguagem, muito distante da linguagem do cotidiano. Além de estar indicando algumas funções sociais da escrita, essa atividade mobiliza a criança para aprendizagem por que agrega grande significado para ela. (AZENHA, 2006, p. 103)

Os livros infanto-juvenis trazem para a criança a escrita na sua essência como ele realmente é. Ou seja, a escrita, como uma linguagem retrabalhada, pensada na perspectiva da preservação dos fatos. A partir da escuta de histórias contadas é que as crianças poderão “aprender” de forma mais significativa as palavras. As funções sociais da língua escrita estarão abertas a novas descobertas, estabelecendo-se, conforme cada criança leitora, hipóteses

sobre a escrita, o confronto entre o “certo” e o “errado” do ponto de vista da escrita ortográfica.

Neste processo de construção do conhecimento obtido pela leitura e escrita,

[...] a criança constrói hipóteses, resolve problemas e elabora conceituações sobre o escrito. O desenvolvimento destas hipóteses ocorre por reconstruções (em ou nível) de conhecimentos anteriores, dando lugar a novas construções (assim acontece, por exemplo, com o conhecimento sobre as palavras, as expressões da linguagem, a forma e o significado do signo). (TEBEROSKY e COLOMER, 2003, p. 45)

Ainda a respeito da criança referida, constatei que, quando o avô leu o título, ela fez logo a ligação. Dizendo: - Ele é inteligente, vovô? O vovô deu risada e respondeu: - Vamos ver se ele é inteligente. Essa indagação do avô fez a menina ouvir a história com muita atenção. Porque a partir do título a menina já foi construindo as suas hipóteses. Assim que o avô concluiu a narração, conforme considerei, anteriormente, ela correu ao encontro de outro livro, também da Ruth Rocha, O Jacaré Preguiçoso. Devo salientar que as novas ilustrações de capa dos livros da Ruth Rocha, da editora Salamandra estão muito coloridas. É um atrativo para as crianças. TEBEROSKY e COLOMER chamam de “meios de representação”, que são os recursos gráficos utilizados para representar o texto. Acima de tudo, as histórias de Ruth Rocha são maravilhosas. A esse respeito e zelo que tem demonstrado pela criança, convém considerar:

Ruth Rocha, [...] é uma autora que encara a criança sem paternalismo ou sem pieguices, “transmitindo, porém, valores éticos fundamentais, como justiça, liberdade, solidariedade, independência, implícitos na trama, numa mensagem educacional sem didatismo ou moralismo, moderna aberta e questionadora” (KLEIMAN apud BELINKY, 1999, p. 16)

Faço minhas as palavras da Tatiana Belinky sobre a Ruth Rocha.

Matheus, 7 anos, lia os livros de literatura científica. Os livros de uma coleção da revista Recreio, que trata de animais, como dinossauros, animais marítimos, etc. Perguntei a Matheus o porquê de ele estar lendo aquele livro. Ele me respondeu que gostava de animais.

TEBEROSKY e COLOMER (2003, p. 52), em seus estudos, dizem que “As crianças são muito seletivas ao que podem ler e escrever”. As crianças realmente gostam da literatura científica. Principalmente, a literatura que trata da vida dos animais. Como por exemplo: como nasce, o que comem e qual o habitat em que ele vive ou viveu, considerando os dinossauros. Acredito que essa era a curiosidade Mateus.

Pedi a Mateus que lesse o livro para mim. Ele leu e me disse que desde cinco anos de idade ele já lia. Realmente Mateus tinha uma leitura fluente. Analisando a leitura de Mateus, ainda que rapidamente, notei que Mateus revela o domínio do código escrito, visto que sua leitura foi muito clara, tanto no sentido restrito de decodificação das palavras, quanto no sentido da compreensão, da produção de sentidos. Muito embora não tenha apreciado a escrita da criança, considero que Mateus deva escrever, na perspectiva da hipótese alfabética – concepção que, segundo AZENHA (2006, p. 117), “os fonemas da língua oral são representados na escrita”.

Muito comunicativo, Mateus me disse ter muitos livros e revistas em casa. A partir dessa fala de Mateus, podemos perceber que ele cresceu num ambiente alfabetizador, descrito por COLOMER e TEBEROSKY (2003, p. 18) “[...] rico em materiais escritos e em interações e práticas de leitura”. Esse ambiente alfabetizador é muito importante para as crianças pequenas. A Biblioteca Móvel, quando está nesses espaços citados por mim, proporciona esse tipo de ambiente, o alfabetizador, para as crianças que participam do projeto. Mesmo que a criança em casa tenha livros a sua disposição ficou claro para mim que criança e livro são que nem cargas elétricas, positivas e negativas. Estão sempre atraídos um pelo outro.

Mateus parecia ser um menino de classe média alta. Sua mãe, que o acompanhava, entrou no ônibus para perguntar à funcionária da Biblioteca Móvel, quando estaria ali, no Farol da Barra, novamente. Constatei: mais uma frequentadora da Biblioteca Móvel da FPC e que poderia se tornar assídua.

Devo sinalizar que a Biblioteca Móvel, quando estacionada no Farol da Barra, não desenvolve as atividades típicas e que envolvem contadores de histórias, por exemplo. Segundo Gleide Machado, a Barra é um dos bairros que mais atrativos tem para as crianças. Essa opinião está baseada nas

instalações do Shopping Barra, que disponibiliza brinquedos para as crianças e funciona aos domingos. Em vista disso, a Biblioteca Móvel fica apenas estacionada com seus funcionários - geralmente três funcionários, o motorista e duas funcionárias de apoio - seus livros, jornais, revistas, mesas e bancos.

Calabar , 18 de setembro de 2011

Foi complicado ir ao bairro do Calabar, uma comunidade totalmente desconhecida por mim. Quando já estava a caminho, Gleide Machado, idealizadora do projeto, me informa que a biblioteca não estaria na praça do Calabar, porque o micro-ônibus não conseguiu passar. A biblioteca iria fazer a sua visita nas proximidades da base da Polícia Militar, na parte baixa do Calabar. Consegui chegar a tempo. Neste dia, a Biblioteca teve atividade, a contadora de história, Danielle Andrade, contou para um grupo de aproximadamente 28 crianças a história “O último carnaval do dragão” O dragão em pleno carnaval, num baile de máscara se apaixona por uma princesa é a história sintetizada.

Danielle Andrade faz as crianças entrarem no mundo da fantasia através da contação.

O exercício da imaginação traz grande proveito às crianças, primeiro pro que atende a uma necessidade muito grande que elas tem de imaginar. As fantasias não são somente um passatempo; elas ajudam na formação de personalidade[...] (DOHME, 2000, p. 19)

Nesta história, o Dragão faz perfumes para se lembrar do cheiro da princesa que conheceu no carnaval. Danielle fez perfumes para as crianças. Neste momento, ela trabalha a memória olfativa das crianças. As crianças adoraram sentir o cheiro das fragrâncias trazidas pela contadora. As crianças dessa comunidade estavam agitadíssimas.

Segundo Gleide Machado, aquelas crianças que estavam participando da atividade pouco conheciam sobre o projeto, por isso tudo era novidade. Após a contação da história, as crianças entraram no ônibus e foram direto nas revistas Recreio, folhearam, folhearam... Muitas crianças leram consigo as revistas.

Uma garota chamada Marcela lia para suas amigas. Quando percebeu que eu estava a observando, disse-me: – Tia, eu já sei ler, você quer que eu leia para você? . Respondi que sim. A garota leu de forma clara, também aparentando que estava, segundo concepções de Teberosky e Ferreiro, no nível silábico alfabético. As curiosidades sobre o desenho de Bob Esponja eram consideradas por ela.

Aproveitando ainda o seu entusiasmo, perguntei a ela sobre a Biblioteca se ela tinha gostado da proposta de Danielle. Ela respondeu: – Gostei sim, tia. A história foi boa, essa revista também é muito legal, posso levar para minha casa? Expliquei para Marcela que os livros e revistas da biblioteca eram para elas lerem na Biblioteca e que não podiam levar consigo para casa. Marcela se conformou e foi em busca de novos conteúdos da revista que lia.

Podemos perceber na fala de Marcela uma possibilidade que venha a confirmar o que FAILLA (2008, p. 102) aborda na sua pesquisa Retratos do Brasil, do Instituto Pró Livro. Segundo ela, *“as crianças e os jovens leem cerca de três vezes mais do que a população adulta”*. Por que citei Marcela como exemplo? A garota ficou muito encantada com as revistas, fez suas leitura e, por fim, quis levar a revista para casa. Acredito ser um ponto positivo e uma perspectiva para ratificar a concepção de FAILLA.

Percebi, também, que numa imensidão de crianças havia poucos adultos. Conteí uns três que, sequer, se aproximaram da Biblioteca. Ficaram só observando.

Como as crianças estavam agitadas, as funcionárias da biblioteca resolveram distribuir uns jogos de memórias para eles brincarem. Sai o livro e entra o jogo. O aprendizado acontece agora de forma diferenciada. O brinquedo também é uma atividade cultural. Na perspectiva vygotskyana, o jogo protagoniza um papel central no desenvolvimento da criança. Por ter regras, ele suscita uma zona de desenvolvimento proximal (ZPD). Segundo BAQUEIRO, apud VYGOTSKY (1998, p. 97) *“Esta estrita subordinação às regras é totalmente impossível na vida real; no entanto, no brinquedo é possível: deste modo, o brinquedo cria uma ZPD”*

A zona de desenvolvimento proximal é

[...] a distância entre o nível real de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outro companheiro mais capaz (BAQUEIRO apud VYGOTSKY, 1998, p. 97).

O jogo de memória foi disputado pelas crianças. Algumas já sabiam as regras do jogo, e outras crianças tiveram dificuldades em aceitar as regras pela pouca idade que apresentavam ter.

Da contação de história, passando pela revista e, chegando ao jogo, a Biblioteca Móvel incentiva, de algum modo, a criança a ler.

Dique do Tororó, 30 de outubro de 2011

O dia estava muito nublado, achei que não iria ter sucesso na minha observação. Mas fui surpreendida com o interesse de algumas crianças que estavam passeando pelo Dique do Tororó. Assim que cheguei à Biblioteca Móvel da FPC, havia apenas duas crianças. Com o passar do tempo, as crianças acompanhadas de suas mães começaram a chegar, e, no final da manhã, já avaliava que aquele dia de observação foi um dia muito produtivo, o melhor dia de observação. Nesse dia, percebi que as crianças estavam envolvidas no projeto como um todo, e o trabalho efetivado através da Biblioteca deu mais resultado, na perspectiva da leitura. A proposta estava adequada às crianças participantes do projeto.

Neste dia, teve contação de História com a participação da contadora, Marília Sales. Ela leu a história, Orelhas de Mariposa, dos autores, Luisa Aguilar e André Neves. Uma história muito interessante que versa sobre uma menina que tinha sempre uma resposta na ponta da língua e é questionada pelos amigos a respeito de suas orelhas e a menina da história se sai muito bem. O livro aborda as diferenças.

O procedimento metodológico, utilizado por Marília, para mim, estava entrelaçado na perspectiva construtivista da leitura. Os construtivistas falam da importância do adulto no desenvolvimento do conhecimento sobre a escrita e sobre a linguagem escrita. Eles destacam que uma das contribuições mais importantes é o ato de ler histórias para crianças. TEBEROSKY e COLOMER (2003) citam que essa atividade colabora na ampliação do vocabulário, compreensão de conceitos, tem um efeito positivo no estudo de aspectos linguísticos. Informam, através de CAZDEN, quais as características qualitativas estão implicadas nessa prática.

[...] a) Lendo livros, o adulto alterna a leitura entre o diálogo com as crianças, direcionando a atenção delas para o livro. b) o adulto costuma utilizar algumas estratégias para legendar ou denominar as ilustrações (“Veja, uma girafa”). [...] Esse tipo de interação tem sido denominada questões do tipo que. Perguntar “o que é isto?”, “qual é o nome disto?” “o que tem aqui?” durante a leitura compartilhada estimula as respostas verbais das crianças mais do que as respostas de assinalamento ou do que as do tipo que as respostas verbais da criança do que as respostas de assinalamento ou do que do tipo “sim” ou “não”. [...] (TEBEROSKY e COLOMER apud CAZDEN, 2003, p. 22)

Foi desta forma que a contadora Marília Sales trabalhou com as crianças que estavam participando do projeto. Após a “leitura” do livro, a contadora me surpreendeu com sua atividade. Ela trouxe um material sugerindo às crianças que desenhassem a menina, protagonista da história, do jeito que elas achavam que a menina fosse. Mesmo lendo o livro, mostrando cada página e cada detalhe do livro, fazendo perguntas para saber se as crianças estavam interessadas pela história, a contadora, Marília, se valeu da criação livre, na qual as crianças têm a oportunidade de se expressarem, através do desenho, mostrando como seria a sua personagem da história: Orelha de mariposa.

Marília trouxe, além dos papéis, lápis de cor, hidrocor, lã para os cabelos, miçangas, lantejoulas. As crianças ficaram empolgadíssimas. Fizeram desenhos espetaculares e recontaram a história de Mara, a menina que tinha orelhas de mariposas.

No momento da contação, havia seis crianças presentes, com faixa etária de 2 a 6 anos de idade, acompanhadas, na sua maioria, por suas mães.



Após os desenhos prontos, eu fui até o ônibus e peguei alguns livros e coloquei-os sobre a mesa. As crianças foram logo pegando os livros para ler. Fiquei impressionada o quanto elas, neste dia, ficaram concentradas na leitura. Acredito que cada criança leu dois ou mais livros.

O acesso à leitura de livros variados é muito enriquecedor para quem gosta de ler.

O conhecimento linguístico desempenha um papel central no processamento do texto. Entende-se por processamento aquela atividade pela qual as palavras, unidades discretas, distintas são agrupadas em unidades ou fatias maiores, também significativas, chamadas constituintes de frases. À medida que as palavras são percebidas, nossa mente está ativa, ocupada em construir significados [...] (KLEIMAN, 1999, p. 15)

Concordando com Kleiman, CARVALHO ( 2007, p.39) diz: *“o gosto pela leitura é resultado do contato freqüente com textos interessantes, de diferentes gêneros”*. Os significados construídos a partir de leituras diversificadas, facilitam o conhecimento e a aprendizagem

Ainda nesse dia, mantive contato com mais duas leitoras: Bianca e Beatriz. As leitoras eram primas e tinham seis anos de idade. Constatei que as duas leram *O cabelo de Lelê*, da autora Valeria Belém, e *o Trenzinho de Nicolau*, de Ruth Rocha. As garotas não queriam, de forma alguma, que as mães lessem para elas. Ao conversar com a mãe das garotas, elas me disseram que as meninas gostam de ler e, inclusive, toda semana levam livros da biblioteca da escola para ler em casa. Perguntei se já conheciam a Biblioteca Móvel, as mães responderam que não e que adoraram a Biblioteca e sua estrutura. Reafirmo que observei que, nesse dia, as crianças estavam mais interessadas na leitura de livros da literatura infantil.

Outro fato observado foi um menino também de seis anos de idade que estava acompanhado de seu pai. Esse menino tinha dificuldade de leitura. O pai sentou com ele e o ajudou a ler o livro (não identifiquei o título). Aproximei-me e perguntei ao pai se ele já conhecia o projeto. O pai disse que já conhecia, mas o filho ainda não. Eles leram nesse dia uns quatro livros. A criança estava

gostando da leitura compartilhada com o pai. Observe o quanto é importante a mediação do pai (adulto) no processo de leitura.

O público, nesse dia, estava muito variado, havia crianças de vários bairros de Salvador e de outras cidades do interior da Bahia também que visitaram a Biblioteca Móvel.

Ao encerrar as visitas, evidente que considerei a pouca frequência com o que as fiz, todavia, problemas de natureza administrativa do setor não me possibilitaram dar continuidade bem como a necessidade de analisar dados e compor este estudo monográfico. Ainda assim, considerei possível fazer as sínteses necessárias para corresponder às expectativas e questões levantadas por mim.

#### **4. CONCLUSÃO**

Após investigar quais as contribuições, na perspectiva da leitura, o acesso ao acervo da literatura infanto-juvenil e suas ações, disponibilizados pela Biblioteca Móvel da FPC trazem para seu público alvo, quando se instala nas praças e parques da cidade do Salvador, posso dizer que o projeto referido, de fato, contribui para o acesso e estímulo à leitura.

Através das minhas observações, pude notar que o incentivo para leitura é positivo, mas faço restrições: as funcionárias que estão no mini-ônibus não estimulam as crianças a ler, apesar de muito prestativas e educadas. Tive a sensação de que elas estavam ali para “tomar conta”, para preservar o patrimônio. Ou seja, a atividade que a biblioteca desenvolve tem um papel muito importante para a sociedade que é estimular a leitura, levar o livro e a informação para as pessoas. Esse estímulo à leitura é algo muito difícil por ser um processo longo, e as Funcionárias participantes do projeto não estimularam as crianças, pelo menos foi o que constatei, durante as minhas observações.

O estímulo à leitura ocorreu, de fato, com o trabalho pedagógico da contadoras de história Marília Sales e Danielle Andrade e com os pais e avós

das crianças que participaram do projeto. Não havia muito envolvimento por parte dos funcionários.

Outro fato observado é que as crianças gostam muito da Literatura Infantil e da Revista Recreio. Havia muitos livros da autora Ruth Rocha, havia livros de Monteiro Lobato, Ricardo Azevedo, entre outros. E literatura científica. Como citei na leitura dos dados da pesquisa de campo, crianças, como Matheus, liam livros sobre os animais. A curiosidade sobre esse tema era frequente.

A leitura de forma livre feita pelas crianças e seus respectivos pais era estimulante. Vi crianças entusiasmadas na leitura de livros e revista, por exemplo, no bairro do Calabar. Crianças com seus olhinhos brilhando, primeiro por verem a Biblioteca, e segundo, por estarem lendo para seus amigos. As crianças não se satisfaziam em ler apenas livros. Elas gostavam também de ler os livros através das imagens. As crianças iam passando página por página, para saberem do que tratava aquele livro. Não deixa de ser também uma leitura, a leitura imagética.

Com base na observação, percebi, também, que as atividades dos contadores de história foram muito interessantes. Mas como sinalizei antes. Na perspectiva da leitura, o trabalho da contadora, Marília, no Dique do Tororó, teve mais resultado. As crianças tiveram oportunidade de fazer uma releitura da personagem. Muitas crianças pediram o livro para ler e se interessaram por outros livros, após a atividade feita por Marília.

No geral, a presença da Biblioteca Móvel é o principal incentivo à leitura. Primeiro por ser um micro-ônibus recheado de livros, as crianças querem entrar para ver como é dentro e, em seguida, já estão com um livro na mão. Segundo, pela natureza das atividades realizadas. Terceiro, porque promove o encontro de pais com filhos. Os pais que ficam empolgados com a presença da Biblioteca e dos livros e com a possibilidade de mediar e testemunhar a constituição de seus filhos como leitores de livros, de revistas, da vida!

## REFERÊNCIAS

AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo: De Piaget a Emília Ferreiro**. São Paulo: Ática, 2006, 127 p.

BAQUEIRO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BARATN, Marc. JACOB, Christian. Trad. MORTARA, Marcela. **O poder das Bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

BATTLES, Matthew, Trad. CUTER, João Vergílio Gallerani. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2003.

CARVALHO, Marlene. **Guia Prático do Alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2007.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Acesso à leitura no Brasil. **Retratos da leitura do Brasil**. Instituto Pró-livro, 2008, p. 49-61. <<http://www.prolivro.org.br/ipi/publier4.0/dados/anexos/1815.pdf>> acesso dia 05/11/2011

DOHME, Vânia, **Técnicas de contar histórias** - São Paulo: Informal Editora, 2000.

DUMONT, Lígia Maria Moreira, **A extensão através do carro-biblioteca**, Revista da escola de Biblioteconomia, UFMG. Belo Horizonte. V24, n. 2, 182-191p. Jul-Dez/95 <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>> acesso dia 16/05/2011.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. **Carro biblioteca: um binômio inseparável**. Revista da escola de Biblioteconomia, UFMG. Belo Horizonte. V24, n. 2 192-205p. <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>>. Acesso em 16 maio 2011.

FAILLA, Zoara, **Os jovens, leitura e inclusão**. Retratos da leitura do Brasil. Instituto Pró-livro, 2008, p.95-108.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL). **Biblioteca pública: princípios e diretrizes**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2000.

GAMBOA, Silvio Sanchez & SANTOS, José Camilo Filho, **Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade**, 2.ed. – São Paulo: Cortez, 1997, 111p.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **Esse Brasil que não lê**. Instituto Pró-livro, 2008, p. 61-72

<<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/1815.pdf>> acesso dia 05/11/2011.

GIL, Antônio Carlos, **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**, 5. ed. – São Paulo: Atlas, 1999, 206 p.

KLEIMAN, Ângela. **Aspectos Cognitivos da Leitura**. 6. ed. – Campinas, SP: Pontes, 1999.

LAVILLE, Chhristian & DIONNE, Jean, **A construção do Saber : manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**- Porto Alegre: Editora Artes médicas sul Ltda; Belo Horizonte: Editora UFMG,1999, 340 p.MANGUEL, Alberto. Trad. TITAN Jr. Samuel. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LÁZARO, André. BEAUCHAMP Jeanete, A escola e a formação de leitores – **Retratos da leitura do Brasil**. Instituto Pró-livro, 2008, p.73-82 <<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/1815.pdf>> acesso dia 05/11/2011.

LINARD, Fred. LIMA, Eduardo. **O x da questão**: num país castigado pelo analfabetismo, projetos de incentivo à leitura são muito mais que bem vindos: são fundamentais. Revista nova Escola. 18 de maio de 2008. Edição especial nº. 18. Abril. p. 3 - 6.

MAGUEL, Alberto. **A biblioteca: À noite**. São Paulo: Companhia das letras. 2006.

MARICATO, Adriana, **O prazer da leitura se ensina**, Revista de educação, nº. 40, setembro de 2006. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/eduinf/revcrian40.pdf>>. Acesso dia 28/05/2011.

MARTINS, Ana Rita, **Pelo direito de saber ler e escrever**, Revista nova escola - Ano XXV nº. 235- Setembro 2010. Abril, p. 87-94.

MEIER, Bruno. **Uma geração descobre o prazer de ler**, Revista Veja – edição 2217, ano 44- nº. 20. – Ed. Abril, p. 98-108.

MINISTÉRIO DA CULTURA/ Biblioteca Nacional. **Biblioteca Pública: princípios e diretrizes** – Rio de Janeiro, 160p, 2000. Disponível em: <[http://www.bn.br/snbp/Textos/ArquivoFinal28\\_08.pdf](http://www.bn.br/snbp/Textos/ArquivoFinal28_08.pdf)>. Acesso em: 03 nov. 2011.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e Realidade Brasileira**. 5ª e. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.160 p.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa, **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003 REVER COMO SE ESCREVE A PAL. GRIFADA!

UNESCO. **Manifesto da Unesco sobre bibliotecas públicas**, 1994, <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm> > Acesso em 10 nov. 2011

Anexo

FAROL DA BARRA



( Fotos tiradas por Danilo Dias no dia 04 de Setembro de 2011)

CALABAR



(Fotos tiradas por Taise Sento Sé no dia 18 de Setembro de 2011)

## DIQUE DO TORORÓ

(Fotos tiradas por Taise Sento Sé no dia 30 de Outubro de 2011)









